QUANDO CRIANÇAS ABUSAM DE OUTRAS CRIANÇAS

Ana Clara Almeida Silva[1]
Mara Regina Soares Wanderley Lins[2]

Resumo: Este artigo trata sobre o abuso sexual cometido contra crianças, mais especificamente quando uma criança violenta outra criança. Este modelo de abuso é ainda pouco explorado quando procuramos referências na literatura com o objetivo de entender um pouco melhor sobre o assunto. Sabemos que violência como esta não deixa de acontecer independente de cor, raça ou gênero em todo o mundo. O abuso sexual ocorrido entre menores de idade é muitas vezes um tipo de violência desconhecido pela população, bem como, quando não é observado de maneira pouco frequente. É um transtorno que gera dificuldades sociais, sexuais e relacionais não apenas para aquele que é tratado muitas vezes, e em determinados tipos de abuso erroneamente, como vítima neste modelo de abuso, mas também gera transtornos para aquele que é considerado o abusador, não apenas da sua situação atual, como também pelo que o levou a abusar de outra criança.

Palavras-chave: Crianças. Abuso Sexual. Violência.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata sobre o abuso sexual entre crianças, entre adolescentes, ou mesmo entre crianças e adolescentes. É um modelo de abuso frequente na sociedade que acontece independe de cor, raça, religião ou gênero, basta procurar pelo assunto na internet ou realizar leituras frequentes de jornais e revistas que é possível encontrar casos que atendam a descrição deste modelo de abuso oferecido no início deste parágrafo.

A importância deste tema concerne à dificuldade encontrada para realizar pesquisas e obter maiores informações acadêmicas e técnicas sobre o assunto. Durante toda a pesquisa deste trabalho, foram encontradas poucas referências em livros e artigos sobre esse modelo de abuso, sendo o abuso físico, psicológico e sexual cometidos por adultos aqueles que contem maiores quantidades de literatura disponível. Constata-se assim que este tema parece ser e ter sido pouco explorado pelos profissionais habilitados a estudar e trabalhar com crianças e adolescentes.

[1] Ana Clara Almeida Silva, graduada em Psicologia desde 2009 pela UNIC – Universidade de Cuiabá. Especialista em Terapia Sistêmica pelo CEFI – Centro de Estudos da Família e do Indivíduo. Endereço eletrônico: aclara.psi@gmail.com.

[2] Mara Regina Soares Wanderley Lins, graduada em Psicologia desde 1991 pela PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Psicologia Social pela PUCRS. Especialista em Psicologia Clínica pelo CFP. Especialista em Terapia de Casal e Família pelo CEFI. Diretora Científica e Docente do CEFI - Centro de Estudos da Família e do Indivíduo. Endereço eletrônico: mararswlins@gmail.com.

Sendo assim, justifica-se com este fato a importância desse trabalho, bem como se torna primordial, como objetivo dessa pesquisa, aumentar o leque de revisão teórica que auxilie no tratamento e trabalho para aqueles profissionais que lidam com crianças e adolescentes que são vítimas deste modelo de abuso, como também aumentar a quantidade de literatura acadêmica disponível para estudo sobre o assunto.

1 MÉTODO

Neste estudo fez-se uma revisão bibliográfica sobre o abuso sexual entre crianças e adolescentes, modelo de abuso frequente na nossa sociedade, porém pouco explorado na literatura científica. Descreveram-se as formas de abuso de adultos contra crianças e adolescentes, abusos entre crianças, entre adolescentes e entre crianças e adolescentes.

Foram selecionados trabalhos acadêmicos publicados entre os períodos de 1990 a 2012, preferencialmente artigos de revisão, revisões sistemáticas e estudos epidemiológicos. A revisão bibliográfica foi realizada por meio da base de dados SCIELO, através de artigos encontrados na base do World Health Organization, da Universidade Católica de Pernambuco, do Centro Universitário Filadélfia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Psychiatry On Line, totalizando quatorze trabalhos acadêmicos. No que se refere aos livros, foram realizadas pesquisas através de três dicionários e nove livros acadêmicos relacionados ao tema abuso sexual. Foram utilizados também como base de informações, casos reais publicados nos sites jornalísticos G1, Jornal Aqui e BBC, totalizando três notícias referentes ao abuso sexual cometido por crianças e/ou adolescentes. As pesquisas foram concretizadas utilizando-se os seguintes descritores: 'criança', 'abuso sexual' e 'violência'.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao iniciar este artigo, faz-se necessário oferecer uma breve descrição do significado da palavra abuso. Segundo Civita (2000) a palavra abuso tem sua origem do latim *abusus*, que significa mau uso, excessivo ou injusto, exorbitância e descomedimento. Em latim, o termo *abusus* é um dos atributos do direito de propriedade, o de dispor da coisa (QUICHERAT; SARAIVA, 2000).

Segundo Bueno (1996, p. 13) o termo abuso que está sendo e será utilizado constantemente nesse artigo possui o significado similar ao que foi descrito nos parágrafos anteriores: "uso errado, excessivo ou injusto; exorbitância de atribuições, ultraje ao pudor; canalhice; aborrecimento." Desta forma, é considerado abuso qualquer modo errado, injusto e exagerado de tratar outra pessoa, sejam estas pessoas crianças, adolescentes, adultos ou idosos. Além disso, o abuso geralmente é caracterizado como físico, psicológico ou sexual.

2.1 O abuso sexual segundo diversos teóricos

O foco desde artigo é o último tipo de abuso citado no item anterior, o abuso sexual, seguindo abaixo para breve esclarecimento algumas definições acerca do tema:

> O abuso sexual é fenômeno universal que atinge, indistintamente, todas as classes sociais, etnias, religiões e culturas. Sua verdadeira incidência é desconhecida, acreditando-se ser uma das condições de maior subnotificação e subregistro em todo o mundo. Apesar do tímido percentual de denúncias, a violência sexual é cada vez mais reportada, estimando-se que acometa 12 milhões de pessoas a cada ano, em todo o mundo. (DREZZET et al., 2001, p. 413)

Segundo Filho (2007), a violência ou abuso sexual ocorre quando alguém de mais idade faz uso do corpo de uma criança ou de um adolescente buscando sentir prazer sexual. Geralmente aquele que abusa utiliza de sedução, oferecendo algo à criança para com ela praticar o ato sexual. Apesar de a criança ser seduzida e aceitar algo em troca para vir a praticar o ato sexual, isto não pode ser considerado como consentimento dado pela mesma, em função de que a vítima não possui amadurecimento mental de escolha, muito menos possibilidade de negação ao ato (COHEN; GOBBETTI, 2000).

Ravazzola (1997) entende que tal como as pessoas abusam de substâncias, estas também podem abusar de outras pessoas não apenas sexualmente, mas também no que se refere às relações de poder onde o abusado acaba se tornando um objeto ao invés de ser visto como um sujeito, indivíduo, ser humano.

Outra definição concerne ao fato de que o abuso em geral se tornou um problema de saúde pública (ARBOLEDA; DUARTE; CANÓN-CORTÉS, 2011). "O abuso sexual contra crianças e adolescentes tem sido considerado um grave problema de saúde pública, devido aos altos índices de incidência e às sérias consequências para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da sua família" (HABIGZANG et al., 2005, p. 341).

Segue uma descrição do panorama brasileiro acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes: “No Brasil, o abuso sexual como atitude violenta contra a criança e o adolescente ganhou maior visibilidade e importância nas últimas décadas, com a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990” (FRONER; RAMIRES, 2008, p. 267).

Através de todas as definições de abuso, faz-se possível entender o conceito geral do termo, que amplia suas significações quando se trata o abuso contra outro ser humano e não contra substâncias. Isto acarreta em uma demanda de entendimento no que se refere às relações de poder. Nos próximos subitens serão definidos três modelos de abuso: o abuso cometido por adultos contra crianças e adolescentes, abuso entre crianças e adolescentes com idades semelhantes e, por fim, o foco deste trabalho, o abuso cometido por crianças e adolescentes com idade superior a das vítimas.

2.2 O abuso sexual cometido por adultos contra crianças e adolescentes

Como referenciado no subitem anterior, o abuso sexual acomete com frequência crianças e adolescentes, bem como grande parte das referências encontradas são sobre essa parcela da população. Ainda há uma subnotificação e subregistro dos casos de abusos sexuais, principalmente no que se refere aos abusos cometidos contra crianças e adolescentes (DREZZET et al., 2001). Para dificultar ainda mais as notificações e registros dos casos de abuso, quem geralmente comete este tipo de violência é alguém da família ou alguma outra pessoa que possua uma enorme proximidade com a vítima ou com os familiares daquela pessoa que sofre o abuso (COHEN; GOBBETTI, 2000).

São vários os fatores que caracterizam ou até mesmo desencadeiam que um adulto cometa um abuso contra alguém com maturidade psicossexual inferior. De acordo com Méllo (2006) é notificado como abuso sexual qualquer prática genital entre adultos e crianças ou adolescentes.

Considerando que a criança raramente possui contato com alguma pessoa que seja estranha a ela, e quando isso acontece, o abuso extrafamiliar é descoberto e tratado mais rapidamente em função do não envolvimento de familiares no abuso (FURNISS, 1993). Neste item será analisado o abuso que ocorre dentro da família da criança ou a partir de pessoas

próximas a mesma, ou seja, o que vários autores denominam como abuso intrafamiliar ou incesto.

O abuso intrafamiliar geralmente acontece quando as fronteiras intergeracionais são rompidas em certas áreas do funcionamento familiar (FURNISS, 1993; ANDREWS et al., 2004). Acontece uma inversão de hierarquias em algumas áreas, conduzindo a uma incongruência entre os diferentes níveis de funcionamento familiar. No nível sexual, aquele que abusa demonstra imaturidade semelhante a da vítima (PERRONE; NANNINI, 1998).

Segundo Furniss (1993), o abuso sexual também pode se dar devido a transtornos psiquiátricos ou psicológicos individuais, como também através de fatores de personalidade e diferentes experiências de vida dos pais e da família em geral. Por fim, o abuso sexual contra crianças e adolescentes pode também estar funcionando como uma maneira de evitar ou regular conflitos conjugais e/ou familiares em que os membros adultos da família decidiram erroneamente não dialogar ou tratar.

O abuso sexual acaba se tornando um ciclo vicioso para o abusador, visto que aquele que abusa se torna um adicto com necessidades reais de tratamento em diversas esferas de sua vida. A sociedade erra ao condenar os envolvidos no abuso como abusadores ou como vítimas, evitando ou dificultando que ambos tenham o tratamento adequado (LEDESMA et al., 2010). "Se queremos romper efetivamente o ciclo de abusar e sofrer abuso sexual, precisamos criar um contexto no qual as pessoas que abusam sejam capazes de revelar e buscar ajuda terapêutica." (FURNISS, 1993, p. 155)

Após definições do abuso cometido por adultos contra crianças e adolescentes, sendo este modelo de abuso aquele que mais se consegue literatura acadêmica, segue nos próximos subitens o desenvolvimento do tema foco deste artigo, o abuso cometido por crianças e adolescentes contra outras crianças e outros adolescentes.

2.3 O abuso sexual entre crianças, entre adolescentes, e entre crianças e adolescentes

Serão discutidos neste item dois modelos de abuso sexual: o primeiro é o que Furniss (1993) denomina como "Síndrome de João e Maria" onde não existem os papéis de vítima e abusador, e um segundo modelo de abuso realizado por crianças e/ou adolescentes maiores contra crianças menores ou com maturidade inferior àquele que comete a violência.

2.4 Abuso sexual entre crianças de idade cronológica semelhante

Este item irá se dedicar apenas ao abuso sexual ocorrido entre crianças da mesma idade ou com idades próximas. Como foi descrito na introdução deste artigo, foram encontrados poucos estudos principalmente acerca deste modelo de abuso.

De acordo com Furniss (1993) o ato sexual ocorrido entre duas crianças de idade cronológica semelhante não caracteriza nenhum dos dois como vítima ou abusador. Neste modelo de relacionamento sexual impróprio, segundo o autor, é inadequado utilizar o termo abuso, sendo que o correto é utilizar o termo "Síndrome de João e Maria". João e Maria segundo as histórias infantis eram duas crianças que foram postas para fora de casa pelos pais, que se perderam na floresta, e que tinham apenas a companhia, o conforto, o cuidado um do outro para sobreviver. Ainda de acordo com o autor:

> O abuso sexual por irmãos quase da mesma idade, geralmente, é parte de uma síndrome geral de privação emocional, em que ambas as crianças também podem ter sido abusadas, física ou sexualmente, por figuras parentais. O abuso de crianças da mesma idade, geralmente, é muito mais um relacionamento sexual igual em que ambas as crianças tentam dar e receber uma forma distorcida de mútua satisfação, conforto e cuidado. O abuso sexual é uma forma de cuidado emocional pervertida e confusa, em que a estimulação e excitação sexual é um pobre e triste substituto do cuidado emocional parental. (FURNISS, 1993, p. 314)

Neste modelo de abuso ambas as crianças devem ser tratadas como vítimas iguais de negligência e ausência de cuidados parentais. O relacionamento sexual para essas crianças se torna semelhante ao relacionar-se emocionalmente com outras pessoas, podendo gerar comportamentos sexualizados de ambos, sendo que as meninas se tornam mais vulneráveis a novos abusos e os meninos acabam por desenvolver papéis relacionados a um abusador, podendo cometer abusos em outros relacionamentos.

Neste modelo de abuso, a menina e o menino devem ser tratados como vítima, assumindo cada um sua parcela de responsabilidade pelo envolvimento sexual inadequado cometido. As meninas devem se tornar capazes de lidar com qualquer comportamento sexualizado resultante das suas confusões emociossexuais. Já os meninos não podem ser visualizados pela rede profissional como bodes expiatórios em função dos atos sexuais em que se envolveram, mesmo que pareça que eles tenham sido mais ativos no abuso. Furniss (1993) ainda relata dois casos onde houve relacionamento sexual indevido entre irmãos de idade cronológica semelhante. Segue abaixo breve descrição dos dois casos.

O primeiro caso se refere a uma família onde uma menina de doze anos de idade tinha relacionamento sexual com dois irmãos, um de treze e outro de dezenove anos. O irmão mais velho assumia um papel parecido com o do pai, onde ele era a figura de autoridade, sendo o relacionamento sexual entre os dois caracterizado por violência, visto que ele forçou a irmã ao abuso sexual tal como seu pai a forçou também. A menina descrita no caso falava com raiva, medo e confusão sobre o irmão mais velho. Em contraste, falava com afeto e carinho sobre o irmão mais novo que ela também se relacionava sexualmente. Com este irmão mais novo, o relacionamento sexual se deu de forma mútua, demonstrando forte vínculo e dependência entre os dois. Ambos os irmãos buscavam por conforto um no outro e mútua estimulação sexual durante a relação sexual que mantinham.

O segundo caso descrito por Furniss (1993) se refere a dois irmãos, o menino com quinze e a menina com treze anos, sendo que o relacionamento entre eles iniciara três anos antes da descrição. No primeiro momento a rede profissional tratou o menino como abusador e a menina como vítima, visto que a mesma tinha apresentado comportamento sexualizado passivo e vitimização. Porém ao investigar o intercurso do abuso, foi descoberto que o relacionamento sexual acontecia normalmente de manhã bem cedo. Tivera início quando a irmã foi até o quarto do irmão e quis deitar em sua cama em busca de conforto e cuidado emocional, pois quando acordou se sentiu solitária e com medo. Esse relacionamento, então, transformou-se em relacionamento sexual que era iniciado tanto pela irmã quanto pelo irmão. Depois que ele começou a procurá-la, o irmão assumiu um típico papel masculino ativo e a irmã um papel feminino passivo. Ambos buscavam por cuidado emocional, sendo o relacionamento sexual uma tentativa desesperada de obter cuidados emocionais parentais mútuos distorcidos.

Através dos casos detalhados por Furniss (1993), é passível de percepção que a negligência emocional básica (falta afetiva e efetiva dos pais) afeta irreparavelmente crianças e adolescentes ao atravessarem o estágio de maturidade sexual, confundindo o amor, afeto, carinho e cuidados parentais e fraternais com relacionamento sexual inadequado. No próximo subitem será possível compreender a diferença entre o tipo de abuso descrito neste tópico e o foco deste trabalho.

2.5 O abuso sexual cometido por crianças ou adolescentes mais velhos contra crianças ou adolescentes menores

Este item trata do abuso sexual cometido por crianças e adolescentes maiores contra crianças e adolescentes com idade ou maturidade inferior. Este modelo de abuso não deve e não pode em hipótese alguma ser confundido com a "Síndrome de João e Maria" apresentada no item anterior, visto que, neste item, existe a caracterização e denominação de vítima e abusador. Antes de iniciar a teoria, seguem abaixo casos encontrados na mídia referentes aos abusos sexuais deste modelo destacado:

O site BBC publicou uma matéria de Triggle (2007) onde foi discutido o tabu de crianças abusando de outras crianças, informando que além desse assunto ser ainda considerado um tabu para a sociedade, a grande maioria dos abusadores inicia a violência contra outras pessoas antes mesmo de completarem dezoito anos, sendo ainda considerados menores de idade.

Um caso noticiado recentemente pelo site globo.com em Setembro de 2012, foi a de um menino de treze anos residente na Flórida (EUA) que espancou até a morte seu irmão mais novo de dois anos e abusou sexualmente do seu outro irmão de cinco anos de idade. As autoridades ao investigarem o passado deste adolescente infrator encontraram evidências tenebrosas de abusos sexuais dentro da família do acusado nas gerações anteriores, sendo que sua própria mãe deu a luz ao mesmo quando tinha apenas doze anos de idade. A sua avó foi flagrada abusando de drogas quando deveria estar despendendo cuidados ao acusado quando este era uma criança de apenas dois anos. Foram ainda evidenciadas negligências diversas para com o acusado, visto que o mesmo foi encontrado nu e sozinho aos dois anos de idade perambulando pela cidade, e, por fim, foram encontrados vestígios de abuso sexual cometido contra o acusado realizado por um primo e pelo seu pai adotivo na época.

Por fim, no que condizem as matérias jornalísticas, outro caso ainda mais recente que o caso anterior reportado na mídia através do site Jornal Aqui em Novembro de 2012, noticiou um menino de treze anos, este residente no Brasil, que abusava de dois sobrinhos, sendo as vítimas irmãos de dois e quatro anos, respectivamente. Esta matéria não promoveu nenhuma citação referente ao passado do acusado.

Ao buscar por casos na literatura acadêmica de abuso sexual onde crianças ou adolescentes cometeram abusos sexuais contra outras crianças, foram encontrados diversas notificações. Seguem abaixo alguns casos relacionados na literatura acadêmica:

Madanes (1997) relata um caso de abuso intrafamiliar no qual um jovem de dezesseis anos havia abusado de sua irmã de nove anos. O jovem em questão cometeu o abuso durante o período de um ano, se dirigindo até o quarto da irmã e abusando da mesma de diversas formas. Durante o método de terapia empregado por esta autora, foram descobertos outros abusos sexuais dentro desta família, sendo que a mãe teria sido abusada sexualmente pelo padrasto e o próprio jovem abusador teria sido molestado aos treze anos.

Outro caso encontrado na literatura acadêmica descrito por Furniss (1993) foi um caso de um garoto, cuja irmã havia sido molestada pelo pai durante muitos anos. Este irmão queria protegê-la dos garotos da vizinhança, ameaçando-os com grandes facas. Este menino parecia ter se identificado com o pai abusivo de uma maneira desesperada ao ponto de precisar fingir, para se proteger de tal identificação. Queria estar com o pai na prisão e não conseguia enfrentar a realidade de que seu pai era um abusador. Logo após a revelação, este garoto estuprou uma menina de quatro anos de idade que residia nas vizinhanças.

Kristensen (1996) relata seis casos nos quais houve abuso sexual cometido contra crianças, sendo três destes casos referências diretas aos abusos cometidos por crianças ou adolescentes contra outras crianças ou adolescentes. Segue nos próximos parágrafos breve resumo sobre os três casos:

Em um primeiro caso, um menino de sete anos teria sido rendido e imobilizado fisicamente dentro do banheiro masculino por outro menino, sendo que este o penetrou e o ameaçou de agressão caso a vítima esboçasse algum tipo de reação para com aquela violência. Após um mês a mãe deste menino descobriu o ocorrido em função de um sangramento encontrado nas suas roupas, resultado de uma doença sexualmente transmissível que o menino adquiriu após passar por tal violência, sugerindo então que aquela criança que abusou deste menino também tenha adquirido essa doença de alguma outra forma sexual. Além da doença adquirida, esta criança voltou a apresentar enurese noturna e envolvimento em brigas escolares.

Um segundo caso descrito por Kristensen (1996) relata a história de um menino de cinco anos que teria sido abusado duas vezes por um adulto amigo da família do seu pai. A mãe desta criança não realizou nenhuma denúncia sobre o que tinha acontecido, como também não providenciou nenhum tratamento ou acompanhamento psicológico para essa criança. Os pais da criança optaram por não abordar mais esse assunto, acreditando assim que seu filho com pouca idade não se lembraria mais do ocorrido. Contrariando as expectativas

parentais, o menino não se esqueceu da violência sofrida, bem como iniciou a reprodução do que tinha passado, porém em uma posição inversa. Ainda na mesma idade abusou sexualmente do seu irmão e em outra situação tentou penetrar uma menina na creche onde frequentava. Na escola apresentou comportamento bastante sexualizado e se mostrou agressivo com os outros colegas.

O último caso descrito por Kristensen (1996) revela envolvimento entre menores de idade em abusos sexuais: uma criança com menos de nove anos encaminhada à FEBEM (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor - RS) que apresentava quadro de abuso sexual, furtos, agressão a pessoas e danos a propriedades. Este menino passou por grave desestruturação familiar e maus-tratos. Esta vítima também apresentou uma reprodução daquilo que tinha vivido fora da FEBEM, demonstrando comportamento sexualizado passivo, realizando brincadeiras que reproduziam o coito anal, procurando por meninos mais velhos dentro da instituição, como também tais meninos o abordavam com a intenção de abusar sexualmente do mesmo. A seguir veremos três definições sobre este tipo de abuso sexual:

O National Center on Child Abuse and Neglect (1981) descreve o abuso sexual como uma situação onde acontecem contatos ou interações sexuais entre uma criança e um adulto, visto que a criança não possui maturidade sexual ainda, e acaba sendo utilizada como objeto de estimulação sexual do adulto. Também é considerado abuso sexual quando o abusador possui menos de dezoito anos e a vítima possui idade consideravelmente inferior ao mesmo, ou quando o abusador está em uma posição de poder ou controle sobre outra criança ou outra pessoa com idade inferior a dezoito anos (MALCHIOD, 1990). De acordo com Pfeiffer e Salvagni (2005, p.198):

> Define-se o abuso ou violência sexual na infância e adolescência como a situação em que a criança, ou o adolescente, é usada para satisfação sexual de um adulto ou adolescente mais velho, incluindo desde a prática de carícias, manipulação de genitália, mama ou ânus, exploração sexual, voyerismo, pornografia, exibicionismo, até o ato sexual, com ou sem penetração, sendo a violência sempre presumida em menores de 14 anos.

Por fim, segundo Hirata e Baltazar (2006, p. 90):

> Em tese, define-se o Abuso Sexual como qualquer conduta sexual com uma criança levada a cabo por um adulto ou por outra criança mais velha. Isto pode significar, além da penetração vaginal ou anal na criança, também tocar seus genitais ou fazer com que a criança toque os genitais do adulto ou outra criança mais velha, ou o contato oral-genital ou, ainda, roçar os genitais do adulto no corpo da criança.

De acordo com Kristensen (1996), muitas vezes os abusos cometidos por adolescentes são encarados pela sociedade e autoridades como um simples ato de experimentação sexual. Contudo o autor referencia Brown, Flanagan e Mc Leod (in KRISTENSEN, 1996) com a seguinte porcentagem: nos Estados Unidos, 20% dos estupros e 56% dos casos relatados de abusos contra crianças foram cometidos por pessoas com menos de dezoito anos.

Ainda de acordo com o mesmo autor também é possível perceber através dos casos relatados que com frequência, adolescentes abusadores tenham sofrido eles próprios abuso sexual. De acordo com Filho (2007), crianças e adolescentes que tenham sido abusados, geralmente apresentam posteriormente comportamento sexualizado emergido, isto é, a criança ou o adolescente pode estar novamente propenso a passar com mais facilidade por outra situação de abuso.

Outra constatação é de que a revitimização é um forte efeito a longo prazo, ou seja, a criança tende a repetir o comportamento de violência sexual com outras crianças, apresentando atitudes e curiosidades sexuais incondizentes com a faixa etária e brincadeiras erotizadas dirigidas ao sexo, ou, no futuro, tende a procurar parceiro ou parceira que cometam abusos. A criança que sofre o abuso reproduz de alguma forma aquilo que viveu (VITRIOL et al., 2006).

Segundo Furniss (1993), crianças e adolescentes ofensores sexuais possuem quatro antecedentes: muitos abusadores sexuais menores de idade sofreram, eles próprios, abuso sexual, sendo os meninos menores de quinze anos aqueles que com certeza sofreram esse tipo de abuso. O segundo antecedente se refere aos meninos de famílias em que os filhos foram sexualmente abusados, parecem correr um grande risco de também se tornarem abusadores, em virtude da identificação com o pai ou outro familiar próximo abusivo. O terceiro antecedente se refere aos ofensores sexuais adolescentes que cresceram em um relacionamento progenitor-criança, em que, por um lado era emocionalmente empobrecido, e ao mesmo tempo era sexualizado. O quarto antecedente constata que muitos abusadores sexuais menores de idade foram abusados fisicamente de modo grave e sofreram grave privação emocional.

Do mesmo modo como no abuso sexual cometido por adultos, a violência cometida por menores de idade também é caracterizada por posição de autoridade quase parental do abusador. A vítima também possui idade cronológica e maturidade inferior para poder negar o abuso ou impossibilitar o mesmo.

2.6 O que todos os abusos sexuais possuem em comum e as suas consequências

Durante todo o desenvolvimento deste trabalho e observação do abuso sexual não apenas como um ato, mas como um ciclo que se repete a cada abuso é possível compreender que a violência sexual causa efeitos psicológicos insondáveis na vítima. Mesmo com a evolução das leis, dos princípios morais e éticos de defesa da criança e do adolescente, a sociedade não conseguiu compreender que a violência sexual é um crime que deixa sequelas muitas vezes irreparáveis (PFEIFFER; SAVAGNI, 2005).

O abuso sexual não pode ser qualificado apenas por atos concretos, e sua gravidade não pode ser avaliada pelas marcas físicas, mas sim pela vivência emocional que cada ser humano adquire com situações como estas de violência extrema (COHEN; COBBETTI, 2005).

As consequências psicológicas do abuso sexual, segundo Mattos (2002), variam de acordo com a idade da vítima e do agressor, o grau de relação entre ambos, a personalidade da criança, a duração do abuso, a frequência do abuso, o tipo e a gravidade do ato e as reações do ambiente. Segundo essa autora, crianças na faixa de três a cinco anos são as mais frágeis à sedução e às ameaças. Quanto maior o grau de aproximação do abusador e da vítima, maior a confusão entre proteção e abuso.

Para Filho (2007), são características de crianças que sofreram ou sofram violência sexual: isolamento, falta de vínculos de amizades, dificuldade de estabelecer contato autêntico com outras pessoas, visto que essa aproximação acaba sendo associada com o abuso sexual. Demonstram também, de acordo com Finkelhor (1997), certo grau de impulsividade, comportamentos autodestrutivos e suicidas, sintomas depressivos, sentimento de ter sido permanentemente danificado, sentimentos contraditórios e autodesvalorização. O autor ressalta ainda que as consequências psicológicas e físicas do abuso sexual infantil podem ser destruidoras e irreversíveis. Tais consequências podem vir a se transformar em uma idade adulta em fobias, transtornos de ansiedade e depressão e também comportamentos sexuais inadequados (ECHEBURÚA; CORRAL, 2006). Alucinações e delírios são sintomas com maior probabilidade de acontecer em pessoas que sofreram abuso sexual do que em pessoas que não sofreram esse tipo de abuso (READ; ARGYLE; PSYCH, 1999).

As consequências dos abusos sexuais podem ser definidas em duas categorias, segundo Kristensen (1996): aquelas em curto prazo e aquelas em longo prazo. Os efeitos em

curto prazo são aqueles detectáveis ainda na infância, podendo ser observados até dois anos após o último episódio do abuso. Geralmente as vítimas apresentam compulsividade, comportamentos sexualizados, confusão nos relacionamentos, transtorno de estresse pós-traumático, confusão da identidade masculina e reafirmação da sexualidade (em vítimas do sexo masculino). Já no que se refere aos efeitos em longo prazo, foi identificado forte erotização e sexualização do comportamento, confusão nos relacionamentos sexuais, revitimização. Foi ainda constatado no estudo que 49% das vítimas de abuso sexual do sexo masculino ainda crianças se tornaram abusadores e 61% dos adolescentes do sexo masculino que sofreram abusos também perpetuaram com a continuidade da violência sexual.

Os efeitos psicológicos do abuso sexual podem ser devastadores e infelizmente perpetuam até a idade adulta. "Sobreviventes do abuso sexual frequentemente repetem o ciclo de vitimização, perpetrando o abuso sexual intergeracional com seus próprios filhos." (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005, p. 198).

As consequências de qualquer tipo de violência sempre são marcantes nos indivíduos tal como todos os autores citados expuseram em seus trabalhos. A violência sexual causa transtornos em uma esfera emocional ainda obscura para muitas pessoas, principalmente quando cometida contra crianças e adolescentes, visto o pouco conhecimento sobre o assunto e a ausência de maturidade sexual adequada. Contudo, a situação se torna ainda mais difícil quando o abuso é cometido por crianças e adolescentes, considerando que, de alguma forma, tais sujeitos já estiveram ou até mesmo estão em um papel de vítima e está repetindo de algum modo o jeito que aprendeu a se relacionar com outras pessoas, isto é, extrapolando os limites do saudável, do adequado e do social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi explanado e discutido neste artigo, está constatado que o abuso sexual é um fenômeno mundial, que atinge todas as classes sociais, todos os tipos de raças existentes e suas miscigenações, todas as idades, em função de que encontramos casos em que crianças com idade inferior a um ano são vítimas e crianças, adolescentes e idosos participando como abusadores deste tipo de violência, abarcando tanto meninas quanto meninos.

O abuso cometido por adultos contra crianças e adolescentes é o mais visto na mídia, apesar de infelizmente a sociedade ainda demonstrar pouco conhecimento quando a mídia

noticia casos de abusos entre crianças e adolescentes. O assunto, foco deste artigo, parece ainda ser obscuro para grande parte da sociedade que muitas vezes não acredita que casos, como os citados no artigo, aconteçam. Os casos de abuso cometidos por crianças e adolescentes contra outras crianças e adolescentes com idade inferior ao do abusador, são vistos muitas vezes como pouco frequentes, sendo visualizados muitas vezes como algo que não causa sequelas à vítima.

Além do modelo de abuso cometido por adultos, foi explanada também a "Síndrome João e Maria", outro tipo de abuso sexual que não pode ser confundida de forma alguma com os moldes clássicos de violência sexual, pois nesse modelo ninguém é definido como vítima ou abusador. Nem por este motivo, os envolvidos deixam de estar em deficiência emocional parental, isto é, em sofrimento.

É possível perceber que em todos os modelos de abuso o abusador foi, de alguma forma, violentado ou abusado fisicamente, psicologicamente ou sexualmente por pessoas próximas, sendo a violência extrafamiliar enormemente menos frequente como muitas pessoas pensam. Através de todas as teorias apresentadas e discutidas neste artigo, constata-se que a violência sexual é um grave problema de saúde pública, como também, um ciclo vicioso, de difícil notificação e registro, que causa transtornos psicológicos muitas vezes irreversíveis e uma revitimização constante, ou seja, a vítima tende a reproduzir a situação sexual inadequada que vivenciou em outras crianças ou adolescentes.

Atualmente, o Brasil tem realizado diversas campanhas contra os diversos tipos de violência, contudo ainda há uma dificuldade social de aderência às tais políticas públicas. Basta assistir aos noticiários para concretizar que a violência de todos os tipos continua a ser muito presente no país. Porém, o sistema público precisa evoluir com mais profissionais que atendam a demanda e a atendam de forma correta, conseguindo diagnosticar o que se passa com aquela criança e/ou adolescente. Outra demanda urgente seria a capacitação de todos aqueles que lidam com as crianças e adolescentes, incluindo o entendimento da dinâmica da violência e suas diversas esferas em suas grades curriculares de formação.

A violência, principalmente sexual, provoca vergonha e culpa para com aqueles que a sofreram, diversos autores citados neste artigo apresentam este argumento para a difícil notificação e registro dos casos. Muitas vítimas demoram a relatar o que vem acontecendo, quando não, os pais preferem não registrar denúncias contra o agressor, evitando confrontos ou exposição familiares.

Por fim, é necessário ser otimista no que se refere ao enfrentamento de qualquer tipo de violência, em função de tantas conquistas que o Brasil teve nos últimos anos. A criança e o adolescente há pouco tempo deixou de ser um adulto em miniatura, conquistando direitos antes negados e negligenciados. Hoje a proteção destes supracitados no artigo é muito mais atuante, a população deixou de aceitar a violência contra crianças e adolescentes, como também se tornou mais presente no que se refere à proteção destes. É necessário pensar a favor das políticas públicas, apoiar tais políticas, e como profissionais da saúde, divulgar dentro e fora do ambiente profissional as consequências negativas do abuso sexual, bem como a necessidade de tratar vítimas de abuso adequadamente, sejam essas vítimas apenas vítimas, sejam essas vítimas além de vítimas, também abusadores.

WHEN CHILDREN ABUSE OTHER CHILDREN

Abstract: This article is about the sexual abuse of children, specifically when a child is abusing another child. This type of abuse is still little explored when looking for references which enable people understand a little better about it, however, not for this reason, this kind of violence happens nonetheless regardless of color, race or gender. The sexual abuse among minors is often a kind of violence unknown to the public, as well as when it is seen so infrequently. It is a disorder that causes social difficulties, sexual and relational not only for that which is handled many times and in certain types of abuse victim mistakenly as this type of abuse, but also creates inconvenience for who is considered the abuser, not just their current situation, but also what led him to abuse another child.

Keywords: Children. Sexual Abuse. Violence.

Referências

ANDREWS, Gavin; CORRY, Justine; SLADE, Tim; ISSAKIDIS, Cathy; SWANSTON, Heather. **Child Abuse**. Comparative Quantification of Health Risks. Geneva: World Health Organization, 2004. Disponível em: < http://www.who.int/publications/cra/chapters/volume2/1851-1940.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2013.

ARBOLEDA, M. R .; DUARTE, J. C.; CANTÓN-CORTÉS, David. **Naturaleza de los Abusos Sexuales a Menores y Consecuencias en la Salud Mental de las Víctimas.** Espanha: 2011. Disponível em: <http://scielo.iscii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0213-91112011000200013&lang=pt>. Acesso em: 26 mar. 2013.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: FTD, 1996.

CIVITA, Victor. **Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa.** São Paulo: Nova Cultural, 2000.

COHEN, Claudio; GOBBETTI, Gisele Joana. **O Incesto:** O Abuso Sexual Intrafamiliar. São Paulo: 2000. Disponível em: <http://www.violacao.org/_upimgs/arquivos/arq4d0f63117fed0.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2012.

DREZETT, J.; CABALLERO, M.; JULIANO, Y.; PRIETO; E. T.; MARQUES, J. A.; FERNANDES, C. E. **Estudo de Mecanismos e Fatores Relacionados com o Abuso Sexual em Crianças e Adolescentes do Sexo Feminino.** Jornal de Pediatria, v. 77, n. 5, São Paulo: 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v77n5/v77n5a13.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2012.

ECHEBURÚA, E.; CORRAL, P. de. **Secuelas Emocionales en Víctimas de Abuso Sexual en la Infancia.** Espanha: 2006. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=sevilla&aq=f&oq=sevilla&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 26 mar. 2013.

FILHO, M. F. Pires. **Violência Intrafamiliar:** A Compreensão de Psicólogos que Atendem em Instituições Crianças do Sexo Masculino, Vítimas do Abuso Sexual. 2007. 152f. Tese (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco, Recife: 2007. Disponível em: < http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2007-12-11T192154Z-125/Publico/Moacyr_confrontado.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2012.

FINKELHOR, David. **Childhood and Trauma – Separation, Abuse, War. Part III - Child Sexual Abuse. Challenges Facing Child Protection and Mental Health Professionals.** Alemanha: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997.

FRONER, Janaina Petry; RAMIRES, Vera Regina R. **Escuta de Crianças Vítimas de Abuso Sexual no Âmbito Jurídico**: Uma Revisão Crítica da Literatura. São Leopoldo (RS): 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n40/05.pdf>. Acesso em 10 nov. 2012.

FURNISS, Tilman. **Abuso Sexual da Criança:** Uma Abordagem Multidisciplinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

HABIGZANG L. F.; KOLLER, S. H.; AZEVEDO, G. A.; MACHADO, P. X. Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 21, n. 3, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v21n3/a11v21n3.pdf>. Acesso em 10 nov. 2012.

HIRATA, Paula Quessada; BALTAZAR, José Antônio. Os Efeitos Psicossociais Causados em Vítimas de Abuso Sexual. **Revista Terra e Cultura**, Ano 22, n. 43, 2006. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/n43/terra_09.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2012.

KRISTENSEN, C. Haag. **Abuso Sexual em Meninos.** 1996, 106f. Tese (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre (RS): 1996. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1432/000177073.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 nov. 2012.

LEDESMA, María; ROZADOS, Laura; CATTANEO, Juliana; ROSA, Claudia; DE ZAN, María Eugenia; DAGATTI, Mariano. **Modos de Visibilidad Pública del Abuso Sexual Infantil.** Uruguai: 2010. Disponível em: < http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17162010000100003>. Acesso em 26 de Março de 2013.

MALCHIODI, C. A. **Breaking the Silence:** Art Therapy with Children from Violent Homes. New York (EUA): 1990.

MADANES, Cloe. **Sexo, Amor e Violência:** Estratégias para a Transformação. Campinas: Editorial Psy, 1997.

MATTOS, G. O. **Abuso Sexual em Crianças Pequenas**: Peculiaridades e Dilemas do Diagnóstico e no Tratamento. São Paulo: Ágora, 2002.

MÉLLO, R. P. **A Construção da Noção de Abuso Sexual Infantil.** Belém: EDUFPA, 2006.

Menino de 13 Anos é Julgado nos EUA por Matar Irmão Caçula e Abusar Sexualmente do Irmão de 5 Anos. **Extra On Line**. Set. 2012. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/mundo/menino-de-13-anos-julgado-nos-eua-por-matar-irmao-cacula-abusar-sexualmente-do-irmao-de-5-anos-6117478.html>. Acesso em: 10 nov. 2012.

PERRONE, Reynaldo; NANNINI, Martine. **Violencia y Abusos Sexuales em la Familia um Abordaje Sistémico y Comunicacional.** 1. reimpresión. Angentina, Buenos Aires: Paidós Terapia Familiar, 1998.

PFEIFFER, Luci; SALVAGNI, E. Pizzato. Visão Atual do Abuso Sexual na Infância e Adolescência. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/jped/v81n5s0/v81n5Sa10.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2012.

Precoce: Menino de 13 anos confessou que estuprou o sobrinho; psicólogo diz que ele precisa ser tratado. **Jornal Aqui**. Nov. 2012. Disponível em: http://www.jornalaqui.com/noticia.php?id=3965&idedit=14&banner=1. Acesso em: 10 de Nov. 2012.

QUICHERAT, L. M.; SARAIVA, F.R. dos S. **Novíssimo Dicionário Latino-Português:** Etimológico, Prosódico, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico, etc. 11. edição. Rio de Janeiro: Garnier, 2000. 1297p.

RAVAZZOLA, Maria Cristina. **Histórias Infames:** Los Maltratos em lãs Relaciones. 1. edición. Argentina, Buenos Aires: Paidós Terapia Familiar, 1997.

READ, John; ARGYLE, Nick; PSYCH, M.R.C. **Hallucinations, Delusions, and Thought Disorder Among Adult Psychiatric Inpatients With a History of Child Abuse.** New Zealand: 1999. Disponível em: <http://ps.psychiatryonline.org/article.aspx?articleID=83595>. Acesso em 26 de Março de 2013.

TRIGGLE, Nick. The Taboo of Child-on-Child Abuse. **BBC News,** United Kingdom, 02 de Março de 2007. Disponível em: < http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/6410909.stm>. Acesso em: 10 de Nov. de 2012.

VITRIOL, Verónica; GOMBEROFF, Mario; BASUALTO, María Elena; BALLESTEROS, Soledad. **Relación Entre Trastorno por Estrés Postraumático de Inicio Tardío, Abuso Sexual Infantil y Revictimización Sexual.** Chile: 2006. Disponível em: < http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0034-98872006001000013&script=sci_arttext>. Acesso em: 26 mar. 2013.